



Experiências periféricas: dos movimentos sociais às escolas

MARIA DA GLÓRIA CALADO

PERGAMINHO

- Dados sobre o racismo estrutural na sociedade;
- Movimento “Mães em Luto da Zona Leste” e grupo das familiares: diálogo e educação étnico-racial e para os direitos humanos;
- Docências compartilhadas em escolas públicas municipais: um olhar para os docentes em busca de uma educação antirracista;



Fonte: Instituto Singularidades

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020 >

Número de homicídios de pessoas negras cresce 11,5% em onze anos; o dos demais cai 13%

Para não negros brasileiros, taxa de homicídios é semelhante à da Rússia, para os negros, Guatemala. Em 2018, a violência contra população LGBTQ+ aumentou 19,8%; dados são do Atlas da Violência 2020

<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/numero-de-homicidios-de-pessoas-negras-cresce-115-em-onze-anos-o-dos-demaix-cai-13.html>

Segundo pesquisa, 78% dos mortos pela polícia são negros

Levantamento com dados de 2020 revela que abordagens policiais refletem o racismo histórico no país. De cada cinco mortos, quase quatro são negros

Por Júlia Pereira - Rádio Brasil Atual

Publicado **23/04/2021 - 11h32**

<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/04/segundo-pesquisa-78-dos-mortos-pela-policia-sao-negros/>



DIVERSIDADES
INCLUSÃO SOCIAL
ODS 10 ONU
AGENDA 2030

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇA

Polícia matou 2 crianças e adolescentes por dia no Brasil em 2020

São Paulo foi onde teve maior número de adolescentes mortos, com 44%; cerca de 80% eram negros. Números estão no levantamento do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, lançado nesta sexta-feira (22/10).

<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/10/4957276-policia-matou-2-criancas-e-adolescentes-por-dia-no-brasil-em-2020.html>

Proporção de negros nas prisões cresce 14% em 15 anos, enquanto a de brancos cai 19%, mostra Anuário de Segurança Pública

Dois em cada três presos são negros. Segundo a publicação, existe forte desigualdade racial no sistema prisional, percebida na maior severidade de tratamento e de punições direcionadas aos negros.

Por Cíntia Acayaba e Thiago Reis, G1

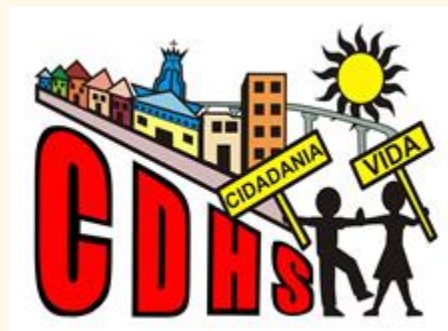
19/10/2020 05h00 · Atualizado há um ano



<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/10/19/em-15-anos-proporcao-de-negros-nas-prisoas-aumenta-14percent-ja-a-de-brancos-diminui-19percent-mostra-anuario-de-seguranca-publica.ghtml>

CDHS COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

- Centro de Direitos Humanos de Sapopemba Pablo González Olalla;
- ONG nascida em 2007;
- Lema: “Em resposta a uma ética da exclusão, estamos todos desafiados a praticar uma ética da solidariedade.” (Bettinho);
- Início: um grupo de lideranças leigas e religiosas da região de Sapopemba, que atuavam junto às favelas, às famílias que lutavam por moradia, e no enfrentamento à violência policial;
- Linhas de atuação:
 - Acesso à justiça;
 - Formação em direitos humanos;
 - Articulação e cidadania;
 - Controle social.
 - Escola de Cidadania



MOVIMENTO “MÃES EM LUTO DA ZONA LESTE”

MÃES EM LUTO DA ZONA LESTE

- “I Seminário Internacional de Juventudes e Vulnerabilidades: homicídios, encarceramento e preconceito”, ocorrido em junho de 2017;
- Rede de Proteção e Resistência ao Genocídio;
- Grupo de Controle Externo das Polícias, pertencente ao Ministério Público de São Paulo (MP-SP), além de participarem de rodas de conversa em universidades com o intuito de denunciar o Estado em relação à opressão e à violência nos territórios periféricos.;
- Projeto para reparação psicológica e social;
- O grupo se reúne quinzenalmente no espaço do Centro de Direitos Humanos de Sapopemba (CDHS);
- Luto (inclusive patológico);
- Falecimento de mães;
- “Somos mortas vivas”



DIVERSIDADES
INCLUSÃO SOCIAL
ODS - ONU
AGENDA 2030



MANIFESTO – MÃES DE VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA DE ESTADO

- Nós somos Mães.
 - Nós somos Mães Negras, Mães Indígenas, Mães Trabalhadoras, Mães Pobres, Mães de Favelas, Mães Periféricas: Nós somos Mães Guerreiras!
 - Nós somos Mães Sem-Teto, Mães Sem-Terra, Mães Donas de Casas e de Barracos, Empregadas ou Desempregadas, Mães de Secundaristas em Luta, Mães de Poetas e Mães Poetisas, Mães de Presidiários e Mães no Cárcere: Nós somos Mães Quilombolas!
 - Nós somos Mães de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia, de Minas, Guarani Kayowá do Mato Grosso do Sul; Mães Mogianas, de Osasco, de Manguinhos e das Baixadas, de todos os cantos: Nós somos Mães de Maio, de Junho, Julho e de todos os meses do ano!
 - Nós somos Mães Africanas, Mães das Favelas Brasileiras, Mães dos Estudantes Desaparecidos de Ayotzinapa (México), Black Mothers das #BlackLivesMatter dos EUA, Mães das Vítimas do Estado Colombiano, Madres e Abuelas da Ditadura Argentina, Mães da Faixa de Gaza (Palestina), Mães dos Rappers Presos em Angola, Mães da Paz e da Guerra de Libertação do Povo Curdo, Mães Latinas, Mães Asiáticas, Mães Norte-Nordestinas, Mães Retirantes, Mães Refugiadas: Nós somos Mães Sem-Fronteiras!
- Nós somos Pais também. Somos Avôs e Avós, Irmãos e Irmãs, Filhos e Filhas: Nós somos Familiares de Vítimas de todas as formas sistemáticas de Violência do Estado que vocês possam imaginar...
*
 - <<LUTO>> para nós sempre foi verbo e substantivo, desde que nós nascemos. Nós lutamos desde sempre, desde muito antes, e nunca deixaremos de encarar de frente os inúmeros lutos cotidianos que sempre nos foram impostos com muita violência.
 - Nós fazemos parte da ampla maioria da população que, historicamente, o Sistema Racista Capitalista sempre fez questão de impor dois únicos destinos “inevitáveis”: a opressão e exploração do trabalho até arrancarem a última gota de suor de nossos corpos e sangue das nossas almas – de nós mesmas e de nossos familiares; ou, quando não servimos mais para os seus interesses capitalistas da vez e enquanto a guerra seguir dando lucro: o descarte, o extermínio, e o permanente GENOCÍDIO que insistem em cometer contra nós, por diversos meios.
 - Para eles nós somos meras estatísticas...
 - [Lembrem-se: Nós somos Mães. Todos vocês têm Mães. Nós não combinamos com Morte. Nós somos Vida].

GRUPO DAS FAMILIARES

- Participação de 22 pessoas atualmente: 15 mulheres, familiares de presos (mulher, mãe, namorada, irmã) e um homem (pai)
- CDHS e Instituto Amparar;
- Objetivo de acolher de familiares de pessoas encarceradas;
- Espaço de compartilhamento das adversidades enfrentadas no sistema prisional
- Orientações jurídicas na busca dos seus direitos, em geral desconhecidos pois o acesso às informações é muito difícil;
- Redação de manifesto para denunciar condições de precariedade dos presos;

MANIFESTO

Nós viemos de mulheres.
Nós viemos da força de um grupo de mães na fila da antiga febem.
Nós viemos da violação dos direitos humanos, das rebeliões dos presídios.
Nós viemos da defesa dos direitos dos jovens.
Nós existimos por conta dos nossos filhos no sistema prisional.
Nós viemos da união e da potência da Railda, da Miriam, do Fábio, da Batia, do Marcelo, da Gabi, da Tânia, da Cícera, da Arlete, da Bide, da Catarina, da Simone, do Henrique, do Leo, da Nathália, da Marcela, da Roberta, da Glória, da Cris, da Sophia, do Kaique e de tantos outros que já passaram pelo nosso grupo.
O que nos une hoje é a violência do Estado e a nossa vontade de mudança.
Nós somos guerreiras.
Nós somos sinceras.
Nós compartilhamos histórias, escutamos as outras e criamos vínculos.
Somos um espaço de acolhida e conforto.
Somos um grupo com capacidade de lutar junto.
Nós temos um problema comum.
Nós fazemos um trabalho de formiguinha com nossas reuniões e nossas denúncias.

Nós somos solidárias e servimos de exemplo umas para as outras.
Nós construímos esperança.
Nós queremos liberdade.
viemos da opressão, do sofrimento e do confronto direto.
Nós queremos ser um grupo forte.
Nós queremos fazer faculdade.
Nós queremos fortalecer os sonhos dos nossos filhos.
Nós queremos justiça, nós queremos os nossos direitos.
Nós queremos ser escutadas.
Nós queremos prisões com condições mínimas e direitos fundamentais para que nossos filhos não sejam penalizados.
Nós somos o começo, o meio e o fim.
Quando nossas vozes gritarem o mais alto possível, onde nos lugares mais surdos nos ouvirem, este será o começo novamente.
O que nos mantém em pé é a nossa força, nossa união, amor e parceria sem fim!
Nós não iremos desistir!

PROGRAMA PORTAS ABERTAS

- Atendimento jurídico, psicológico e de assistência social;
- Duas psicólogas;
- Psicóloga voluntária - foco maior no atendimento psicossocial;
- Escuta e encaminhamento (sessões de atendimento individual; visitas domiciliares; Defensoria Pública etc.)
- Mães com filhos vítimas de violência do Estado - desistências na fase de se abordar o tema “culpa” (questionamento recorrente: “Por que eu deixei isso acontecer?”)

PROGRAMA PORTAS ABERTAS

- Atendimento jurídico, psicológico e de assistência social;
- Duas psicólogas;
- Psicóloga voluntária - foco maior no atendimento psicossocial;
- Escuta e encaminhamento (sessões de atendimento individual; visitas domiciliares; Defensoria Pública etc.)
- Mães com filhos vítimas de violência do Estado - desistências na fase de se abordar o tema “culpa” (questionamento recorrente: “Por que eu deixei isso acontecer?”)

PROJETO “A COLHER” – REDE DE PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA AO GENOCÍDIO

- “Uma rede em defesa da vida e contra a violência do Estado que atinge a população negra e periférica articulada por moradores das comunidades, profissionais, ativistas e movimentos sociais;
- Desde 2017, buscamos formas organizadas e sistemáticas de proteção e resistências às violações de direitos praticadas pelo Estado brasileiro, que representam uma violência institucional: a criminalização, o encarceramento massivo e a morte violenta da população pobre do país que atinge especialmente quem é jovem negro e periférico.”

Fonte: <https://redecontraogenocidio.com/somos/>

genocidio
rede
territorialidade
juvenicídio

GENOCÍDIO E OS NÚMEROS

Nono país mais violento do mundo (OMS), com 31,1 óbitos ocasionados por causas violentas a cada 100 mil pessoas (WHS, 2018);

A taxa de mortes por violência no país correspondem a 30 vezes os índices de letalidade por violência na Europa (CERQUEIRA et. al., 2018).

Entre 2006 e 2016:

Houve aumento de 23,3% na morte de jovens no Brasil, de acordo com o Atlas da Violência 2018 (CERQUEIRA et. al., 2018);

A taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%.

O risco de um jovem negro ser vítima de homicídio no Brasil é 2,7 vezes maior que o de um jovem branco, segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2015.

PROJETO “A COLHER” – REDE DE PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA AO GENOCÍDIO

- A Rede de Proteção e Resistência contra o Genocídio é um movimento social antirracista, antiproibicionista e anticapitalista. Formada há cinco anos por articuladores/a que vivem e atuam nos territórios vulnerabilizados, além de familiares de vítimas de violência policial, bem como profissionais de várias áreas, que dedicam parte de seu tempo, de forma voluntária, a um trabalho tão urgente quanto necessário na defesa e promoção dos direitos humanos.
- O Grupo "A colher " é composto por familiares que tiveram os filhos executados pela polícia. O espaço visa promover um ambiente de escuta qualificada, partilha e ressignificação.

PROJETO “A COLHER” – REDE DE PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA AO GENOCÍDIO

- Espaço de escuta qualificada que possibilita que mães e familiares de jovens assassinados lidem com a ferida exposta;
- Periodicidade proposta: encontros semanais de duas horas de duração;
- 22 famílias – territórios vulnerabilizados da Grande São Paulo;
- Grupo é constituído por mulheres, na sua maioria negras, que tem em sua trajetória várias situações de violência;
- O objetivo do projeto é realizar um trabalho experimental de como lidar com o luto recente, por conta das dificuldades de ressignificação desses processos;
- O grupo surgiu em 2020 a partir de uma demanda de familiares de jovens executados pelo Estado. Inicialmente, os casos eram encaminhados ao apoio psicológico fora da Rede. Contudo, as famílias não aderiram a esse caminho, uma vez que elas necessitavam sentir-se mais confortáveis. Dentro da Rede, já estava estabelecida uma relação de confiança entre o território e o movimento social.

PROJETO “A COLHER” – REDE DE PROTEÇÃO E RESISTÊNCIA AO GENOCÍDIO

Convite



A Colher
GRUPO DE
APOIO

" Viver em
plenitude é amar
intensamente. A
intensidade do
amor faz a
qualidade da vida. "



**hoje 17 de março
às 20:00**

(O encontro será via Google Meet)

ENCONTRO A COLHER – 19/03 – PARAISÓPOLIS (FORMATO ONLINE)

- A. P. comenta sobre o assassinato do jovem que residia no final da sua rua:
- “Dói muito rever tudo de novo, a dor do pai e da mãe do menino assassinado é a mesma minha dor. Eu continuo vendo a dor em outras famílias. É preciso lutar para conviver com esta dor” (A.P.).
- M. afirma que fora à corregedoria de policia acompanhada com K., integrante da Rede de Proteção e Resistência:
- “Assim que cheguei lá, fiquei desesperada, mas fui me acalmando aos poucos sendo ajudada por K.. Fui tratada bem, eu tenho coragem para lutar. Saí de lá com o meu coração aliviado, falei do meu problema, já faz um ano e quatro meses. Agradeço a vocês que me dão forças para enfrentar o problema.” (M.)
- S.: “Tudo lembra o nosso filho, se eu não tivesse a religião, não sei o que seria de mim... a gente tem que lembrar que ainda tem uma missão.”

ENCONTRO A COLHER – 19/03 – PARAISÓPOLIS (FORMATO ONLINE)

O espaço “A colher” também possibilita a troca de sonhos interrompidos , como é o caso dos relatos, a seguir:

- M.: “A vida parou para mim depois que aconteceu isso com o L.. Sonho em voltar a estudar, fazer a EJA e ser educadora.”
- V. logo sugere que M. faça o ENCEJA e se dispõe a ajuda-la com os estudos, pois trabalha como professora.
- R. comenta com orgulho suas conquistas: “Depois de 24 anos longe da escola, voltei a estudar, fiz a EJA e agora estou fazendo curso de enfermagem.”
- A. P.: “Fiquei 30 anos sem estudar e depois fiz o ENCEJA.”
- S.: “Depois que o Vinicius faleceu, quis fazer a faculdade de Serviço Social, agora estou fazendo o ENCEJA.”

EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E PARA OS DIREITOS HUMANOS NESSES MOVIMENTOS: DAS REDES ÀS RUAS

- Manifestos;
- Grupos como dispositivos de fala e escuta;
- Denúncias públicas;
- Rodas de conversa;
- Conversas com especialistas;
- Associação das situações de violência com o racismo estrutural;
- Divulgação de depoimentos de mães, reuniões e protestos;
- Compartilhamento de notícias, charges e materiais audiovisuais veiculados sobre as periferias e acerca dos movimentos de mães;
- Publicações ligadas ao tema “mães mortas-vivas”;
- Exumação - filho de mãe em luto (vidas despedaçadas e banalizadas; filhos mortos não são apenas estatísticas);
- Diálogos entre mães - ideia de que “pessoas em conflito com a lei merecem morrer” (hierarquização da conduta dos filhos);
- Estigmatização de irmãos de pessoas assassinadas pela polícia na escola (morte simbólica nos espaços);
- Escrita de livros.

PROJETO – LIVRO – “MÃES EM LUTO DA ZONA LESTE”

- Livro construído durante a pandemia;
- Grupo de pesquisa da PUC-SP;
- Produção coletiva com as mães;
- Memórias e lutas das participantes do movimento.





DIVERSIDADES
INCLUSÃO SOCIAL
ODS - ONU
AGENDA 2030

E NA EDUCAÇÃO FORMAL, COMO ESTAMOS?

Estudante é vítima de racismo em troca de mensagens de alunos de escola particular da Zona Sul do Rio

Em mensagens trocadas por meio de um aplicativo, eles a xingaram e a humilharam por ser negra. Colégio Franco-Brasileiro divulgou nota de repúdio e encaminhou o caso ao Conselho Tutelar.

Por Ana Paula Santos, RJ1

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/estudante-e-vitima-de-racismo-em-troca-de-mensagens-de-alunos-de-escola-particular-da-zona-sul-do-rio.ghtml>



DIVERSIDADES
INCLUSÃO SOCIAL
ODS 10 ONU
AGENDA 2030



ATAQUE RACISTA

Alunos de escola particular publicam mensagens contra colega de turma





DIVERSIDADES
INCLUSÃO SOCIAL
ODS 17 - O N U
AGENDA 2030

Cultura

Glória Maria revela casos de racismo vividos pelas filhas na escola

Segundo a jornalista, casos ocorreram nas escolas onde as adolescentes de 14 e 13 anos estudam; "Nada blinda o preto do preconceito", disse

Por **Matheus Deccache** Atualizado em 16 mar 2022, 09h40 - Publicado em 15 mar 2022, 16h26

DISCRIMINAÇÃO

Racismo: escola militar do DF manda estudante negro cortar o cabelo

Em nota, a instituição nega que tenha havido preconceito; Câmara do DF abriu investigação para apurar se houve racismo e homofobia na conduta da escola

Terra

Após denunciar racismo, professora é vítima de assédio

Por fim, o trabalho escolar, segundo o gestor da escola, iria exemplificar as celebridades negras da atualidade, "a fim de que as crianças...

1 mês atrás





DIVERSIDADE
INCLUSÃO
ODS
AGENDA

ponte.org/menina-de-10-anos-e-vitima-de-racismo-em-escola-da-rede-estadual-de-suzano-sp/

YouTube Maps OCCP Confira o resumo d... USP PROLAM - Program... Home | VIII Seminár... ARMAZÉM DE TEXT... Trabalho com Letra...

Usamos cookies para melhorar sua experiência de navegação.

Você pode ver mais sobre os dados armazenados e configurados clicando em [configurações](#).

Aceitar

Rejeitar

Geral

'Sua mãe é uma macaca', disseram quatro alunos para garota de 10 anos, que não quer voltar à escola; mãe da vítima afirma que escola se omitiu



Daiane ao lado da filha, Kemily: 'Se eu não estivesse percebido a mudança de comportamento da minha filha ela continuaria sofrendo bullying' | Foto: Renan Omura/Ponte Jornalismo

COTIDIANO / Quinta, 15 Julho 2021 11:31

Feminicídio: a cada três mulheres mortas no Brasil em 2020, duas eram negras

O 15º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostra que o país teve 3.913 homicídios de mulheres no ano passado, dos quais 1.350 foram registrados como feminicídio

Texto: Redação | Imagem: Reprodução/Observatório do Terceiro Setor

<https://almapreta.com/sessao/cotidiano/duas-a-cada-tres-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-sao-mulheres-negras>

LINKS - MANCHETES

- <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/gloria-maria-revela-casos-de-racismo-vividos-pelas-filhas-na-escola/>
- <https://revistaforum.com.br/direitos/2022/2/22/racismo-escola-militar-do-df-manda-estudante-negro-cortar-cabelo-110500.html>
- <https://www.terra.com.br/nos/apos-denunciar-racismo-professora-e-vitima-de-assedio,c7f9eea78e535380e4da3d89bc21ecc0fext8rwp.html>
- <https://ponte.org/menina-de-10-anos-e-vitima-de-racismo-em-escola-da-rede-estadual-de-suzano-sp/>

EVASÃO ESCOLAR

Pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo e que já frequentaram escola, por idade em que abandonou a escola pela última vez, segundo as Grandes Regiões, o sexo e a cor ou raça (%)

Grandes Regiões, sexo e cor ou raça	Idade em que abandonou a escola pela última vez (%)						
	Até os 13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos ou mais
Brasil	8,5	8,1	14,1	17,7	17,8	15,8	18,0
Norte	9,7	7,3	11,3	14,0	15,2	15,9	26,6
Nordeste	9,0	7,3	13,9	14,9	16,4	16,2	22,2
Sudeste	8,7	9,0	14,9	21,6	18,2	14,6	12,9
Sul	7,1	9,9	16,3	19,2	20,6	15,5	11,4
Centro-Oeste	5,9	6,3	12,2	16,6	20,6	18,6	19,9
Sexo							
Homem	9,0	7,7	13,6	17,4	18,0	16,9	17,5
Mulher	7,8	8,8	14,9	18,0	17,4	14,3	18,8
Cor ou raça							
Branca	8,3	9,5	14,6	19,4	18,2	15,2	14,9
Preta ou parda	8,6	7,7	13,9	17,0	17,6	15,9	19,2

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Geral

Cresce total de negros em universidades, mas acesso é desigual

Especialista diz que desigualdade pode afetar progresso do país



Publicado em 20/11/2020 - 14:47 Por Gilberto Costa – Repórter da Agência Brasil - Brasília

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual>

DESIGUALDADES E PANDEMIA

- De acordo com o Censo Escolar 2020, no ano letivo de 2020, 99,3% das escolas brasileiras de educação básica suspenderam atividades presenciais. Em 2449 municípios brasileiros, não houve nenhuma aula síncrona mediada pela internet e com possibilidade de interação entre aluno e professor em 2020. Em outras 1721 cidades, menos de 50% das atividades foram síncronas no mesmo ano (MEC; INEP, 2021).
- Além disso, a pandemia agravou a desigualdade entre instituições públicas e particulares de ensino. Por exemplo, 47% das escolas públicas não conseguiu manter o calendário original, enquanto, entre as particulares, o número de colégios na mesma situação foi de 30% (MEC; INEP, 2021).
- Estudo feito pelo Instituto Todos pela Educação a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) e na percepção de familiares mostrou que 41% das crianças entre 6 e 7 não sabem ler nem escrever. O dado contraria a diretriz curricular do Plano Nacional de Educação (PNE), que considera como ideal a alfabetização entre o 1º e o 2º anos do Ensino Fundamental. Entre 2019 e 2021, houve um aumento de 66,3% nesse número. Há também disparidades de raça nesse problema: o percentual de crianças pretas e pardas de 6 e 7 anos que ainda não leem e escrevem é de 47,4% e 44,5%, respectivamente. Entre crianças brancas nessa mesma faixa etária, o percentual é de 35,1%.
- Fontes:
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Censo Escolar 2020: Resultados do Questionário Resposta Educacional à Pandemia de Covid-19 no Brasil. Brasília: MEC; INEP, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_pesquisa_covid19_censo_escolar_2020.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. Nota Técnica: impactos da pandemia na alfabetização de crianças. São Paulo: Todos pela Educação, fevereiro de 2021. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2022/02/digital-nota-tecnica-alfabetizacao-1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- Outro material útil pode ser a Nota Técnica da Rede de Pesquisa Solidária sobre Políticas Públicas Educacionais, publicada em 2021: <https://redepesquisasolidaria.org/wp-content/uploads/2021/07/boletimpps-33-23julho2021.pdf>

DESIGUALDADES E PANDEMIA

- O relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento feito em 2020 apontou que a evasão escolar cresceu 12% durante a pandemia e resultou em mais de 172 mil alunos entre 6 e 17 anos fora da escola (ROCHA, 2021). Entre adolescentes, de acordo com levantamento realizado pelo Conselho Nacional da Juventude (Conjuve), 32% dos jovens entre 15 e 17 anos pensaram em desistir dos estudos durante a pandemia em 2021 (ARAÚJO, 2021). Na faixa etária entre 6 e 14, 244 mil crianças ficaram fora da escola no segundo semestre de 2021 (G1, 2021).
- No estado de São Paulo, levantamento feito pela Globo News apontou que 30 mil estudantes abandonaram escolas públicas municipais e estaduais ao longo de 2021 (SP1, 2021). No ano anterior, uma das causas da evasão - o trabalho infanto-juvenil - cresceu 26% com o início da pandemia apenas na capital paulista (UNICEF, 2020). Aliás, o estado e a cidade de São Paulo são líderes de incidência de trabalho infantil, de acordo com a plataforma SmartLab, do Ministério Público do Trabalho (MPT) (PADIN, 2021).

Fontes:

- ARAÚJO, Ana Lúcia. Pandemia acentua déficit educacional e exige ações do poder público. Agência Senado, Brasília, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/07/pandemia-acentua-deficit-educacional-e-exige-acoes-do-poder-publico>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- G1. Evasão escolar de crianças e adolescente aumenta 171% na pandemia, diz estudo. G1, São Paulo, 02 dez. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/12/02/evasao-escolar-de-criancas-e-adolescente-aumenta-171percent-na-pandemia-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- PADIN, Guilherme. SP lidera dados de trabalho infantil; evasão escolar é consequência. R7, São Paulo, 12 out. 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/sp-lidera-dados-de-trabalho-infantil-evasao-escolar-e-consequencia-12102021>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- ROCHA, Rayane. Primeiro ano da pandemia levou 172 mil alunos a deixar escola no Brasil. CNN, Rio de Janeiro, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/primeiro-ano-da-pandemia-levou-172-mil-alunos-a-deixarem-a-escola-no-brasil/>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- SP1. Mais de 30 mil alunos abandonaram escolas públicas municipais e estaduais de SP em 2021. G1, São Paulo, 27 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/09/27/mais-de-30-mil-alunos-abandonaram-escolas-publicas-municipais-e-estaduais-de-sp-em-2020.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2022.

RACISMO ESTRUTURAL NA ESCOLA



Foto: Wpensar.blog

- Silenciamento;
- Expressões racistas;
- “Somos todos iguais”;
- Impacto da branquitude nos debates;
- Alteração da LDB pela lei 10.639/03 ainda se mostra distante na prática e, por vezes, tem ocorrido apenas em datas episódicas;
- Importância da formação continuada de professores para uma educação étnico-racial e para os direitos humanos nas escolas.

DOCÊNCIAS COMPARTILHADAS: UM CAMINHO POSSÍVEL

- Docências compartilhadas - construção de um conhecimento compartilhado a partir de um tripé formado por professores, artistas e pesquisadores que envolve três momentos: encontros de discussão dos temas das docências compartilhadas; formação sobre os assuntos selecionados pelo grupo; e planejamento e avaliação das docências compartilhadas
- Trata-se, portanto, de momentos “que resultaram em um conhecimento afrocentrado que tem produzido verdadeiras transformações na formação oferecida aos alunos e professores no âmbito escolar em diferentes bairros de periferia da capital paulista” (AMARAL et al . 2018 apud AMARAL; SIQUEIRA JUNIOR, 2020, p. 76).
- Esse caminho foi apontado pelas pesquisas contemporâneas coordenadas pela Profa. Dra. Mônica Guimarães Teixeira do Amaral, na perspectiva da implementação da Lei 10.639/2003, realizadas em parcerias com as escolas públicas atestam a importância da construção do trabalho juntamente aos professores.

COMO TEM SIDO A FORMAÇÃO COM PROFESSORES?

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do; SIQUEIRA JUNIOR, Kléber Galvão de. Por uma Epistemologia Sul-Americana com Base nas Culturas Afro-Brasileiras: um Debate sobre o Ensino Culturalmente Relevante nas Escolas Públicas de Ensino Fundamental. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 3, jul-set. 2020. Disponível em:
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17539/pdf>.
Acesso em: 13 jul. 2020.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 19 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em 03 de fevereiro de 2012.